

→ CONFERÊNCIA JN EM VISEU // COMO CRIAR EMPREGO E RIQUEZA

Não há nada mais económico que uma boa Administração

A hora é de mudança. Para criar emprego e riqueza, vamos ser obrigados a mudar de vida e de estratégia, disse Carlos Marta. A regionalização não é uma coisa menor, acrescentou António Borges. Até porque, como sublinhou Pedro Bachelar de Vasconcelos, não há nada mais económico do que uma boa Administração descentralizada

Textos de: Alexandra Figueira, Vete Carneiro, Sandra Ferreira, José Miguel Gaspar e Jorge Fiel

A regionalização não é coisa menor", por isso "deixem os nossos territórios assumir a dimensão da sua autodeterminação. Se não quiserem chama-lhe regionalização, chamem-lhe outra coisa qualquer, mas temos de ter comando regional". A declaração de António Borges, autarca de Resende e presidente da Associação de Municípios do Vale do Douro Sul, sobressaiu ontem na conferência JN 125 Anos dedicada ao distrito de Viseu e que perguntava "O

que podemos fazer para ajudar o país a criar mais riqueza e emprego?". A resposta emfronca numa indispensabilidade: é vital aproveitarmos melhor o quadro estratégico comum europeu de 2014-2020. E, para isso, vamos ter que mudar de vida, como destacou Carlos Marta, presidente da Comunidade Inter-municipal Dão Lafões.

O JN encerrou assim, no Hotel Montebelo, em Viseu, com a presença do diretor Manuel Tavares - "fazemos jornalis-

SE NÃO
FÓSSEMOS
CENTRALISTAS
NA EDUCAÇÃO
TERÍAMOS UM
PAÍS DIFERENTE

mo de proximidade, somos o contrapeso do centralismo", disse - o ciclo de sete conferências dedicadas ao Norte e Centro do país e que atravessou, desde fevereiro, os distritos de Braga, Viana, Vila Real, Bragança, Aveiro, Porto e Viseu/Guarda.

Apontando os 10 municípios do Douro Sul, António Borges revelou que 56% da população daquela área só tem instrução primária, que só 16% fez o 12.º ano e que 2/3 dos produtores têm mais de 55 anos. Mas, por outro lado, "o Douro Sul é quatro vezes mais especializado do que o resto do país no setor primário". Mas, "se o Douro já é entendido como dimensão cultural e poética, como espaço económico ainda não é assumido como tal".

Pedindo "quadros de incentivo local e respeito pela especificidade das regiões", Borges vinculou: "Se não fôssemos centralistas na educação, teríamos hoje um país diferente" e concluiu: "Temos de tratar os territórios com políticas diferenciadoras e que contrariem a massificação".

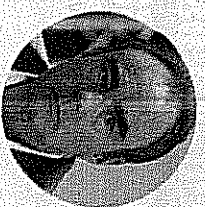
Preocupado com "a necessidade de estarmos à altura do nosso futuro", Carlos Marta, autarca de Tondela e presidente da Comunidade Intermunicipal Dão Lafões, respondeu à maior preocupação dos 14 municípios desta comuni-



FOTOS: RUI DA CRUZ / GLOBAL IMAGES

1 A Sala Caramulo do Montebelo. Viseu foi o palco de mais uma conferência 2 Almeida Henriques, candidato do PSD à Câmara de Viseu, e António Borges, candidato do PSD à Câmara de Vila Real. 3 José Junqueiro, o candidato socialista, sentou-se a meio da sala 4 Francisca Peixoto, Helena Silva e Fátima Figueiredo, da AIRV

CAMINHOS DO FUTURO/QUATRO OLHARES



"Temos de ter a estratégia certa para aceder aos fundos estruturais do Quadro de Apoio Comunitário 2014-2020"

Carlos Marta
Presidente
da CIM Dão Lafões



"Neste novo patamar de exiguidade de recursos, há novos paradigmas, novos desejos e novos desafios a cumprir"

António Borges
Presidente da AM
Vale do Douro Sul



"É obrigatório pensar nas pessoas e nas empresas e fazer ao contrário do agravamento da política nacional"

Hermínio
Magalhães
Vereador CM Viseu



"O jornalismo de proximidade que o JN pratica é um contrapeso num panorama mediático nacional excessivamente centralizado"

Manuel Tavares
Diretor do
Jornal de Notícias

de: "Temos a estratégia certa para aceder aos fundos estruturais do novo quadro de apoio comunitário para 2014-2020", mas "a estratégia tem de estar ao serviço da economia local, criando riqueza e emprego na região". Para Carlos Marta, o quadro comunitário vindouro "obrigar-nos-á a mudar de estratégia e a mudar de vida". Mas, "queremos, e vamos, estar à altura das novas circunstâncias".

Hermínio Magalhães, vereador da Câmara de Viseu, que falou para uma plateia que incluía o futuro presidente (Almeida Henriques, do PSD, ou José Junqueiro, do PS, substituiu o histórico social-democrata Fernando Ruas),



NOS DISTritos DE VISEU E GUARDA

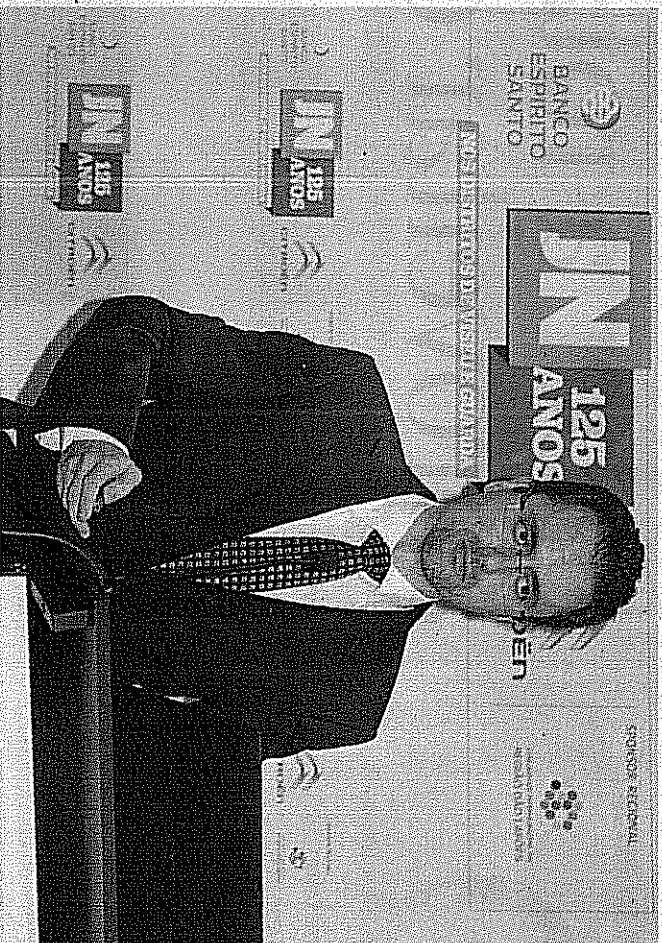
mico cão

Os mapas cheios de pontinhos são a prova de que a Visabeira levou para as suas grandes apostas – Moçambique e Angola – a lição aprendida em Portugal. “Só podemos ser sustentáveis se trabalharmos em várias áreas cobrimos um país todo, não nos podemos limitar às capitais”. Quem o diz é o presidente executivo, Paulo Varela, servido de sobremesa na conferência do JN, no Hotel Montebelo, Viseu.

Paulo Varela apontava para a imagem na parede a mostrar onde está parte dos 500 expatriados espalhados pelo Mundo, a trabalhar em telecomunicações, turismo, cerâmica e vídeo, construção... São quadros sobretrufado do Centro, uma fábula das oito mil almas que o grupo tem na folha de pagamentos.

Algumas estavam ontem num hotel de Luanda, talvez também da Visabeira, a apresentar um serviço banal em Portugal, mas que Varela garante ser pioneiro em África. O “triple play”: televisão, Internet e telefone vendidos pelo mesmo prestador de serviços, numa única fatura.

A inovação, a presença física, as parcerias locais têm ajudado a Visabeira a expandir-se além-mar. Este ano, Paulo Varela espera que a área internacional traga mais de metade das vendas e uma fábula ainda maior da rentabi-



CS
“A falta de linhas de apoio público à exportação dificultam-nos a atividade”

“Somos criadores líquidos de emprego”

Paulo Varela
Presidente Visabeira

“Crescer lá fora para investir na região”

Um dos maiores e mais diversificados grupos nacionais, a Visabeira, cresceu em ano de crise



5 Viseu, esteve na primeira fila José Arrimareira, da Visabeira

frisou que “o equilíbrio económico das autarquias e o que serve de exemplo ao cidadão e às empresas” e que aquelas “têm de procurar a eficiência e a proximidade com modernização constante”.

O vereador das atividades económicas revelou que “a Câmara de Viseu está a contribuir para que os custos de contexto, de que tanto se queixam as empresas, possam ser aliviados”. E deu exemplos: Viseu desceu 1% o IRS, colocou o IMI na taxa mínima (0,3%) e não dilatou taxas municipais. “É obrigatório pensar nas pessoas e nas empresas e fazer ao contrário do agravação da austeridade da política nacional”. ●

FILIPE SIMÕES
Fundador do SAK Project



OS CUIDADORES DE CANELAS DE OURO

Rui Pina e Filipe Simões começaram numa garagem, com o dinheiro deles e com o tempo todo de que dispunham para defender aquilo que, tinham a certeza, era uma boa ideia. Foi. Tanto que hoje está nos pés de Nani, Drogba e mais uma série de estrelas do mundo estértil. Depois de ouvir atentamente uns estudiosos americanos concluírem que os jogadores de futebol valem milhões, mas entram em campo com a única proteção que lhes vale feita de materiais de fraca qualidade e pouca ou nenhuma adaptação às suas pernas, os dois amigos de Viseu criaram as canelelas ergonómicas SAK - Security Agaiinst Kicking, a partir de imagens 3D das canelas. Por dentro, dissipam a energia do impacto; por fora, são à prova de bala e podem ter a foto das namoradas dos rapazes. Servem às equipas nacionais, a Seleção e clubes como a Juventus, o Chelsea e o Tottenham.

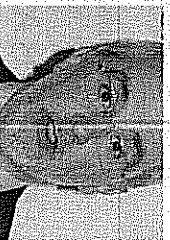
JOÃO PAULO GOUVEIA
Enólogo, docente e criador do vinho Pedra Ganceira



UM VINHO DIFERENTE NUM GARRAFA LEVE

Há 15 anos, o enólogo João Paulo Gouveia e o pai resolveram experimentar fazer um vinho diferente. Saíram pela dízia de milhares de garrafas de Dão. Empreendedor, o jovem decidiu ir espreitar os mercados. E percebeu tendências. O que se podia por aí era vinho de qualidade, muito bem pensado. João Paulo comprou terrenos de Oliveira de Barreiros, em Viseu, comprou tecnologia e, logo no primeiro ano, ganhou prémios. Lançou o Pedra Ganceira. A partir daí, foi só crescer. Criou um vinho “eco-friendly”, com garrafa mais leve, mais ecológica e mais barata e vendido como pães no estrangeiro. Criou a marca “Signatura”. Criou a Vines e Wines para oferecer assessoria técnica a outros produtores. E criou a Lusovini SGP, que já tem tentáculos noutras regiões vinícolas portuguesas, em Angola, Moçambique e no Brasil. Hoje, emprega mais de 70 pessoas.

PEDRO NEGRAO
Douro Azul



CONCORRENDO COM O NILO E O DANÚBIO

A visão foi limpa como a corrente do Douro: o rio é uma porta de entrada para a região e é impossível passar ao lado. A Douro Azul nasceu para oferecer ao turista uma maior acessibilidade e, dos 18 funcionários e da única embarcação que tinha em 1994, passou hoje para os 190 trabalhadores e uma aposta clara nos barcos-hotéis. Pedro Negro, diretor de operações da empresa, explica-lhe o espírito de uma forma radicalmente simples: envolver a região no produto oferecido. “É o nosso grande valor face à concorrência”. E essa, diz ele, são produtos como o Nilo, o Danúbio, o Mekong ou o Mississippi. Porque o negócio assenta em pilares muito únicos: a paisagem, a arquitetura, a cultura, a gastronomia, a tradição, a história e o vinho. Em 2011, a Douro Azul transportou 185 211 passageiros Douro acima.

[TRÊS EXEMPLOS LUMINOSOS]

